DOCÊNCIA: A VIVÊNCIA DE BACHARÉIS ENFERMEIROS

TEACHING: THE EXPERIENCE OF NURSING BACHELORS*

Michelle Laura Magalhães da Silva[1]
Márcia Maria Ribera Lopes Spessoto[2]
Giselle Cristina Martins Real[3]
Lourdes Missio[4]

RESUMO: O objetivo foi conhecer a vivência dos egressos do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul na prática da docência. Pesquisa qualitativa realizada com dez egressos docentes no referido curso. Observou-se a progressiva inserção dos egressos na área de ensino. Entre as facilidades encontradas na prática da docência, destaca-se a experiência profissional na área e os conhecimentos advindos da disciplina de didática aplicada à Enfermagem ofertada durante a graduação. As dificuldades concentravam-se na ausência de disciplinas pedagógicas. Entre as estratégias de enfrentamento na composição do enfermeiro bacharel docente, salienta-se a atualização e o aperfeiçoamento profissional, o compromisso com o ensino, o aluno, a instituição e a profissão. Infere-se a necessidade de maiores discussões a respeito, problematizando a questão e trazendo maior visibilidade dentro das políticas de educação.

Palavras-chave: Enfermagem. Formação de professores. Docência. Egressos.

ABSTRACT: The objective was to know the experience of the graduates in Nursing at the State University of Mato Grosso do Sul in their teaching practice. Qualitative research conducted with ten graduates professors in that course. There was the inclusion of the graduates in the teaching field of work. Among the facilities encountered by Nursing teaching, the experience in the area and the knowledge derived from the teaching of the discipline applied to Nursing offered during graduation has to be highlighted. The difficulties were concentrated in the absence of pedagogical subjects. Among the coping strategies in the composition of the teaching Nursing bachelor, we draw attention to the updated and professional development, their commitment to teaching, the student, the institution and the profession. There was great emphasis on the need for capacity building for the development of teaching held by graduates through postgraduate courses, in its most broad sense. There is a need for further discussion about this topic, problematizing the issue and bringing greater visibility within the education policies.

Keywords: Nursing. Teacher training. Teaching. Graduates.

---

* Agradecemos à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e à Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT), pelo desenvolvimento desta pesquisa através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UEMS/FUNDECT).

[1] Enfermeira. Egressa do curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. *E-mail*: michelle_magalhaes09@hotmail.com. Participante do Programa de Iniciação Científica Bolsista – UEMS/FUNDECT.
[2]Doutoranda em Educação. Universidade Federal da Grande Dourados. *E-mai*l: marciam@uems.br.
[3]Doutora em Educação. Universidade Federal da Grande Dourados. *E-mail*: gisellereal@ufgd.edu.br.
[4]Doutora em Educação. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. *E-mai*l: lourdesmissio@uems.br.

INTRODUÇÃO

Com o número cada vez maior de enfermeiros na docência, seja por aptidão, casualidade, prazer ou para complementar a renda, observa-se a busca desses profissionais por conhecimentos e atualização, contribuindo para a construção de uma melhor formação. Como enfermeiro formador, ou seja, docente, essa busca deve voltar-se para a proposta de um ensino de qualidade (MAISSIAT; CARRENO, 2010).

Um ensino de qualidade abrange também o aprender a ser docente, que instiga à reflexão de que todo o conhecimento e experiência extrapolam os conteúdos escolares, pois provocam ideias e atitudes que precisam ser construídas e vividas. Deste modo, é necessário pensar que disseminar os saberes em saúde é proporcionar um ensino que vá além dos sintomas e que edifique o sentido de ciência, de cultura e de política. Torna-se imprescindível construir um ensino comprometido com a sociedade, produzindo um conhecimento que tenha significado e que tenha interação no processo ensino-aprendizagem (BATISTA, 2008).

De acordo com o contexto histórico, a formação dos professores em diversos cursos sofreu mudanças, acontecendo o mesmo na área da Enfermagem. Os cursos de licenciatura passaram por várias adequações no decorrer dos anos. Nelas, destaca-se que em 1930 aconteceu a reforma do ensino secundário, sendo proposta a criação da Faculdade de Educação, Ciências e Letras, com o intuito de atuar na formação de professores para o ensino secundário, pois estes exerciam a licenciatura sem nenhuma formação prática de ensino. Entre 1960 a 1968 salienta-se a Lei de Diretrizes Brasileira - LDB (Lei nº 4.024, de 20 de dezembro 1961), que provocou mudanças no ensino, especificando que a formação de professores para o ensino médio seria realizada nas faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, e para os professores de disciplinas específicas de ensino médio técnico, em cursos especiais de educação técnica (BAGNATO, 1994).

No decorrer dos anos ocorreram muitas reformas nas políticas educacionais, que influenciaram também os aspectos relacionados à formação para a docência. Dentre estes, a LDB de 1996 (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), que foi promulgada a partir das concepções existentes na Constituição Federal de 1988.

A licenciatura em enfermagem

Entende-se que a reformulação das políticas educacionais traduz o movimento próprio da política, que não se reduz a um momento específico, mas que é dinâmico e flexível. Para balizar a organização das ideias apresentadas neste estudo, optou-se por compreender o

movimento engendrado na implantação das políticas como um fenômeno vivo e contínuo. Isso significa que as redes e as arenas políticas, e nestas as relacionadas também à formação docente, sofrem interferências da configuração dinâmica dos processos político-administrativos.

Nesse sentido, Palumbo (1994, p. 8) aponta que a política consiste em "[...] um processo, ou uma série histórica de intenções, ações e comportamentos de muitos participantes". O autor afirma que a política extrapola os dizeres de uma lei, afinal, sua construção ocorre concomitante ao desenvolvimento dos fatos, no fluxo dos movimentos pertinentes a construção, reconstrução e adaptação.

Em sentido mais estrito, quanto à política pública, ele vai defender que a "[...] sua manifestação visível é a estratégia adotada pelo governo para solucionar problemas públicos" (PALUMBO, 1994, p. 8). Sob esta ótica, as políticas de educação e de saúde são consideradas políticas públicas sociais, uma vez que elaboram, propõem e implementam ações voltadas a atender às necessidades sociais, como as educacionais e as de saúde (AZEVEDO, 2001; DRAIBE, 2001; ARRETCHE, 2004).

A intersecção dessas duas políticas, "educação e saúde" traz em seu bojo expressiva interação e enorme responsabilidade. Essa é a condição dos cursos de graduação direcionados à licenciatura em Enfermagem. De acordo com Bagnato (1994) até a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961, eram considerados licenciados apenas os professores das áreas de Filosofia, Ciências, Letras e Educação, os demais profissionais das áreas técnicas e artísticas, dentre eles o enfermeiro, não tinham acesso a esse título.

Na área da saúde, em 1941, com a necessidade de formar profissionais de enfermagem para atuar nas instituições de saúde, o enfermeiro assume cada vez mais sua função educativa. Então, é implantado o primeiro curso para formação de auxiliares de enfermagem. Em 1966 é criado o primeiro curso para a formação do profissional técnico de Enfermagem, este pela escola Anna Nery, atividade reconhecida somente 20 anos mais tarde com a regulamentação para o exercício da profissão, através da publicação da Lei do exercício profissional nº 7.498/86, que foi estabelecida pelo Decreto-Lei nº 94.406/87.

A licenciatura em enfermagem foi criada em 1969, através do Parecer do CFE nº 837/68 e da Portaria MEC nº 13/69. Assim, até o ano de 1969, não era exigido formação específica para a docência. Apenas a formação na área da enfermagem era suficiente para que os enfermeiros lecionassem nos cursos de enfermagem e auxiliar de enfermagem, fato que também ocorria em outras áreas (BAGNATO, 1994; SAUPE, 1998; MOTTA; ALMEIDA, 2003).

O Curso de Licenciatura em Enfermagem foi criado a partir de uma consulta realizada à Câmara de Ensino Superior (CES) sobre a possibilidade de o enfermeiro cursar cadeiras de Didática para o exercício do magistério dentro da profissão, à semelhança dos diplomados pelas Escolas de Belas Artes e Arquitetura. Uma das justificativas da necessidade de enfermeiros licenciados foi a existência de cursos destinados à formação de auxiliares de enfermagem em nível colegial. Outro aspecto destacado foi a inclusão, nos currículos do ensino médio, de estudos de Enfermagem com disciplinas ou práticas educativas (SANTOS et al, 1997).

O Parecer do CFE nº 837 de 1968 trouxe com clareza que, para alcançar o título de licenciado em Enfermagem, primeiro o profissional deveria possuir o título de bacharel em enfermagem, sendo este último, condição essencial para a formação na licenciatura. A compreensão trazida pela legislação norteou a criação dos cursos de licenciatura que, em algumas instituições, acontecia associada à formação do bacharel (BAGNATO, 1994).

A busca pela mudança no ensino em Enfermagem teve apoio na reforma universitária, que provocou mudanças nos currículos mínimos do ensino superior. Nos cursos na área da saúde, dentre eles a Medicina e a Enfermagem, a formação era direcionada pelo crescente avanço das indústrias farmacêuticas e de equipamentos cirúrgicos, tornando-se conhecido como modelo biomédico de atenção à saúde. A proposta do Parecer n°163 do CFE, de 1972, e a Resolução nº 4, do mesmo ano e que valeram até o ano de 1994, adequaram o currículo mínimo em Enfermagem e Obstetrícia em três partes contínuas, denominadas de pré-profissional; corpo profissional comum conduzindo à graduação em Enfermagem. As habilitações propostas levaram em conta a escolha de matérias apropriadas à formação do enfermeiro nas áreas de Médico-Cirúrgico, Obstetrícia, Saúde Pública ou ainda, a licenciatura em Enfermagem, regularizando assim o exposto na reforma universitária. Essa nova proposta de mudança nos cursos de Enfermagem tornou mais próxima a possibilidade da licenciatura para o enfermeiro (SAUPE, 1998).

Em 1989 a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) publicou um documento fomentando uma proposta de currículo mínimo para a formação de enfermeiro. Nela sugere que a licenciatura em Enfermagem fosse incorporada como parte da formação do enfermeiro. Neste contexto, na década de 1990 também foram realizados encontros, seminários, estudos e negociações no sentido de construir uma proposta curricular que contemplasse a incorporação da licenciatura na formação do enfermeiro, proposta liderada pela ABEn e que, ao ser encaminhada para ao Conselho Federal de Educação, em abril de 1994, foi rejeitada (BAGNATO, 1994).

As Diretrizes Curriculares para os cursos de graduação em Enfermagem aprovadas em 2001 trazem recomendações gerais para a formação do profissional enfermeiro que, no entendimento da maioria dos cursos, direcionam-se mais à modalidade de bacharelado, não tratando especificamente da licenciatura em Enfermagem. Já a Resolução CNE nº 6 de 20 de setembro de 2012, orienta que até 2020, os profissionais atuantes na educação profissional técnica de nível médio, devem possuir formação inicial em programas de licenciatura e/ou formação continuada para participar ou ter reconhecidos seus saberes profissionais em processos destinados à formação pedagógica. Para a área da Enfermagem algumas iniciativas apontam para as exigências desta formação. No estado de São Paulo, a Portaria COREN-SP/DIR/26/2007 exige que o enfermeiro comprove capacitação pedagógica para atuar na formação profissional na área.

A Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) oferta o curso de graduação em Enfermagem, sob o grau acadêmico de bacharelado, desde 1994. Estudos com os egressos do referido curso demonstraram que as áreas de destaque de inserção profissional dos enfermeiros formados por esta instituição são, em primeiro lugar, a saúde pública, seguida pela área hospitalar e pela docência, em terceiro lugar. As pesquisas identificaram um aumento gradativo de possibilidades empregatícias para o enfermeiro na docência em saúde, observado em cursos de ensino profissionalizante e em cursos de graduação e pós-graduação. Essa configuração permite a discussão de um importante elemento formador para o profissional enfermeiro: a licenciatura em enfermagem (CABREIRA; MISSIO; LOPES, 2010; LOPES, 2011; VILELA; SPESSOTO, 2012).

Diante dessa realidade e atentos às exigências do mundo trabalho para o enfermeiro, uma Comissão de Reestruturação do projeto pedagógico (PP) do curso de enfermagem da UEMS foi organizada em 2011. E em 2012, teve início o novo PP, contemplando as modalidades de bacharelado e licenciatura (UEMS, 2011).

Destaca-se que os egressos do curso de graduação em Enfermagem da UEMS, formados na modalidade de bacharelado, desenvolvem atividades na docência, sendo alguns deles, docentes no próprio curso no qual se formaram. Diante disso, questionou-se como esses egressos, enfermeiros bacharéis, vivenciaram o processo da docência. Quais foram as suas facilidades e as dificuldades nesse constituir-se docente? Eles buscaram estratégias de capacitação na docência? Quais? Com o intuito de responder a tais questionamentos, desenvolveu-se o presente estudo que teve como objetivo geral conhecer a vivência dos egressos do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul- UEMS, na prática da docência.

Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que foi realizada com dez egressos do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), docentes no referido curso no ano corrente da pesquisa. O contato foi realizado através de e-mails, telefonemas e pessoalmente na Universidade. A coleta de dados ocorreu no período de agosto de 2012 a maio de 2013, sendo realizada por meio de entrevistas, que foram gravadas e posteriormente transcritas.

Foram utilizadas como instrumento de coleta de dados, dez questões abertas, que abrangeram informações referentes às facilidades e dificuldades do bacharel enfermeiro em desenvolver atividades na docência. As questões norteadoras foram elaboradas a partir da literatura da área, associada ao conhecimento através da observação sobre o tema. Para garantir o sigilo das informações, os participantes foram identificados no decorrer do texto como E1, E2, E3 até E10. Todos os egressos concordaram em participar da pesquisa.

Os dados coletados foram apreciados a partir da análise de conteúdo. Tal análise tem como intuito, a partir de um conjunto de técnicas parciais, porém complementares, explicar e sistematizar o conteúdo da mensagem e o que ele significa, por meio de deduções lógicas e justificadas, sendo sua referência a pessoa que o emitiu, o conjunto da mensagem e seus efeitos, contribuindo assim na sua reinterpretação, atingindo a compreensão de seus significados (OLIVEIRA et al, 2003). A partir disso, foram construídas categorias de análise que buscaram dialogar com a literatura da área, a respeito do tema tratado.

A proposta foi enviada para o Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, tendo sido aprovada através do Protocolo Nº 2137/2011 do CEP/UFMS. Os participantes foram esclarecidos sobre o teor da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os dez entrevistados são formados pelo curso de graduação em Enfermagem da UEMS entre os anos de 1998 e 2006, sendo um do ano de 1998, um de 2000, três formados em 2001, dois em 2002, dois em 2003, e um formado em 2006.

Destaca-se que nove egressos foram formados pelo Projeto Pedagógico (PP) de 1998, o qual privilegiava o ensino voltado para a assistência hospitalar, que era embasado na legislação curricular de 1994, mas ainda tinha um enfoque muito centrado na parte curativa, hospitalar, em detrimento do modelo de atenção à saúde, proposto pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Esse PP também não contemplava a Licenciatura em Enfermagem, tendo como única disciplina ligada à Licenciatura, a didática aplicada à Enfermagem (UEMS, 2011).

Resultados e discussão

Dos entrevistados, nove iniciaram atividades profissionais como enfermeiros no mesmo ano de formação. Apenas o egresso formado em 2006 começou a trabalhar como enfermeiro um ano após o término da graduação. Pesquisas desenvolvidas com os egressos de graduação em Enfermagem da UEMS apontaram a rápida absorção deste profissional pelo mundo do trabalho até meados da década de 2000, quando gradativamente essa inserção tornou-se mais lenta (CABREIRA; MISSIO; LOPES, 2010; LOPES, 2011).

A experiência profissional na área de saúde pública, em nível primário e secundário, foi citada por sete entrevistados. Já nove afirmaram terem trabalhado na área hospitalar. A atividade docente iniciou-se no ensino técnico profissionalizante para sete egressos, sendo que os dez desenvolvem atividades na educação superior. O ingresso na docência, seja em nível técnico seja em superior, ocorreu em um período variável entre cinco meses e nove anos após o término da graduação. No entanto, aponta-se que para a maioria, sete egressos, o início ocorreu no primeiro ano de formados.

Observa-se a inserção dos egressos na área de ensino, sendo a maioria recém-formada, o que evidencia a importância desse setor para a profissão, instituição e sociedade, assim como para os egressos. A expansão do mundo do trabalho para os profissionais enfermeiros inclui os cursos de educação técnica e profissionalizante, a graduação e a educação continuada na área da saúde (VILELA; SPESSOTO, 2012).

A partir dessas considerações e de acordo com os resultados obtidos através da pesquisa, podem-se elencar três categorias de análise: as facilidades encontradas pelos egressos enfermeiros bacharéis na prática da docência, as dificuldades no desenvolvimento do ensino e as estratégias de enfrentamento na composição do enfermeiro bacharel docente.

As facilidades encontradas pelos egressos enfermeiros bacharéis na prática da docência

Quando questionados sobre as facilidades encontradas na condição de bacharéis em realizar a docência, seis egressos citaram a experiência profissional como um facilitador, pois, de acordo com os entrevistados, os exemplos apreendidos da vivência da prática, elucidados em sala de aula, contribuem para o melhor entendimento por parte dos alunos do conteúdo explanado. De acordo com os egressos, o aluno consegue entender com as experiências vividas no ambiente de trabalho, e mesmo estudando sozinho, tendo o livro como referência, irá lembrar-se do exemplo e compreender melhor o conteúdo. Apontam que:

> Eu acho que quando você [...] trabalha na assistência, ela te ajuda na visualização de você achar um caminho mais fácil, uma exemplificação, porque tudo a gente precisa de exemplos (E6).

Assim, a fase inicial de constituição como docente é marcante na carreira do profissional, uma vez que, dependendo das condições de trabalho, de convivência com os colegas, e de seus mecanismos internos no lidar com as novas situações, esse docente terá maior ou menor sucesso em sua construção pessoal. Além disso, seus conhecimentos profissionais são testados (PAPI; MARTINS, 2010), o que pode explicar a busca de exemplificação a partir da vivência prática, como um dos pilares de equilíbrio e segurança nesse momento de o bacharel se constituir como docente.

Um dos egressos afirmou que a experiência na condição de enfermeiro bacharel, em diferentes locais da assistência e de gerência de um hospital de cidade de pequeno porte, possibilitou-lhe o relacionamento profissional com diversas pessoas, desenvolvendo seu potencial de liderança. Sua fala aponta que:

> [...] e quem quer ser docente ele tem que saber conduzir uma sala de aula, ele tem que ter estratégias, ele tem que usar a criatividade. Muitas vezes, aquele método, aquela aula não é legal, é um conteúdo chato, então ele tem que inventar alguma coisa para melhorar, então eu acho que essas experiências nos hospitais pequenos, essas experiências de chefia, de gerente de enfermagem que eu fui, coordenador de enfermagem [...] isso faz com que você melhore sua comunicação, melhore sua oratória, e isso com certeza acaba refletindo na sala de aula. Então eu acho que a minha experiência como bacharel na enfermagem, acabou ajudando sim a ser um melhor professor (E9).

O tornar-se docente, em muitas situações e, em especial, no ensino superior, é um processo que ocorre gradativamente, a partir de experiências vividas, envolvendo conceitos pessoais e profissionais, ressignificações particulares e validadas a partir de situações presenciadas, em um processo contínuo, cumulativo e que está sempre em movimento.

Missio (2007) corrobora esse olhar em pesquisa realizada com 16 docentes do curso de Enfermagem da UEMS, que tiveram formação inicial em Letras, Enfermagem, Psicologia, Ciências Biológicas, Pedagogia, Nutrição e Farmácia. A autora observou que a constituição do ser docente, foi organizada com base em uma tessitura das histórias, memórias, experiências e aprendizagens dos docentes, a partir do entrelaçamento de diversos fios, como questões pertinentes à família, escolarização, atuação profissional, convívio social, entre outros.

Com referência à identificação do motivo que os incentivou a se inserir na docência, o gostar de ensinar foi primordial para seis egressos e o incentivo dos professores foi fator

decisivo para três. Dois participantes apontaram que, no início não gostavam do ensino, mas que, aos poucos, foram desenvolvendo afinidade, prazer e interesse pela educação. Dois egressos afirmaram que desde a graduação já tinham interesse pela docência, outros dois relataram que buscaram na docência sanar dificuldades encontradas durante a prática assistencial.

Alguns enfermeiros tornaram-se docentes por encantamento (OROSCO, 2010), para realizarem o que realmente almejavam, e outros, por contato na graduação com os professores, que passaram a ser referência e incentivo. Em sua fala, E8 destaca:

> O motivo maior é o amor que eu tenho na profissão e [o] desejo que eu tenho de ensinar sempre pensando que as pessoas que recebem os ensinamentos possam ter o mesmo amor que eu tenho por aquilo que eu desenvolvo (E8).

Os egressos foram questionados em relação à existência de influência de algum professor para atuar na licenciatura e oito afirmaram ter recebido influências. A docência para alguns emergiu com a convivência, adquirindo ressignificação a partir do contato com alguns professores (MELO, 2006), conforme explicitado nas falas:

> Sempre tem influência de professores da graduação, às vezes eu até brinco: olha a gente é um pouquinho dos professores que deram aula pra gente (E3).
>
> [...] a gente tem sim, um professor ou outro, a forma que te transmite, o jeito que passa a situação é de uma forma tão apaixonante que faz você tê-lo como exemplo, isso eu tive também (E8).

Para Isaia e Bolzan (2004), muitos professores assumem o papel de docente baseados em uma perspectiva natural, ou em experiências vividas com professores em sua formação inicial, que foram internalizadas, ou em vivências profissionais que não envolvam diretamente a docência, ou ainda a partir de uma combinação destes fatores.

Na maioria das vezes, nos cursos de Enfermagem não há um preparo sistemático e intencional para que seus egressos se tornem professores. Neste sentido, um importante espaço para a formação docente na Enfermagem é a prática pedagógica diária, isto é, a formação ocorre com os saberes gerados no dia a dia de suas atividades. Para tanto é importante que haja um processo de reflexão sobre essa formação (MISSIO, 2007).

Apenas um dos egressos citou a questão salarial, adquirindo a docência um papel de complemento à renda. Neste último caso, o enfermeiro referiu-se às situações no qual o profissional enfermeiro trabalha em mais de uma instituição empregatícia, fato comum entre os profissionais da área, conforme indicam as pesquisas (MONTANHOLI; TAVARES; OLIVEIRA, 2006; PÜSCHEL; INÁCIO; PUCCI, 2009).

A participação em atividades complementares, como projetos de pesquisa, ensino, extensão, por exemplo, foi citada por seis egressos como incentivadora à docência, especialmente as atividades de pesquisa, que ampliam o horizonte apresentado ao acadêmico, conforme visto nas falas abaixo:

> Eu acredito que, principalmente a parte da pesquisa, tenha contribuído, possibilitado, trabalhar com ensino, pesquisa e extensão dentro da docência (E1).
>
> Sim, eu fui bolsista da iniciação durante dois anos, consegui fazer extensão, participei de movimento estudantil, além da graduação e a vivencia no meio acadêmico, me fez optar por isso [docência] depois (E3).

Os demais afirmaram que durante a graduação havia pouco desenvolvimento na área da pesquisa por parte dos professores, pois o quadro docente da UEMS apresentava poucos mestres e doutores, além da dificuldade de financiamento para as atividades propostas. No entanto, eles reconhecem que a participação nessas atividades é válida para a experiência docente. Com as mudanças ocorridas nos PPs do curso de Enfermagem, a configuração também foi se modificando. No PP de 2012 as atividades complementares são elementos curriculares de grande valor no desenvolvimento e formação do futuro profissional enfermeiro. Além disso, houve um aumento gradativo no quadro de docentes qualificados para o desenvolvimento da pesquisa, havendo 14 mestres, 9 doutores e 1 pós-doutor, em 2015.

Apesar de a UEMS encontrar-se no interior da região Centro-Oeste, local ainda carente de cursos em nível *stricto sensu*, os professores buscaram aprimorar sua capacitação. Embora seja uma universidade sob coordenação estadual, a UEMS buscou estar de acordo com as orientações do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), criado pela Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004, que tem como um dos focos do processo avaliativo das Instituições de Ensino Superior a quantidade de pelo menos 50% dos docentes do curso com titulação obtida em programas de pós- graduação *stricto sensu* (BRASIL, 2008).

A participação nas semanas acadêmicas de Enfermagem foi citada por quatro egressos, como uma atividade complementar marcante e importante na contribuição para a docência. Dois egressos também apontaram a participação em movimentos estudantis como uma atividade incentivadora à docência, no sentido de poder colaborar e modificar a realidade através do ensino.

Outro facilitador para o desenvolvimento da docência dos bacharéis entrevistados foi a disciplina de Didática Aplicada à Enfermagem, cursada durante a graduação, que garantiu a aprendizagem de saberes importantes para o exercício da profissão, como afirma E 5:

> Olha quando eu fiz faculdade tinha uma disciplina que se chamava didática aplicada à enfermagem. Então ela [professora] ensinou a gente a fazer um plano de aula [...] quando eu fui fazer o teste para a UEMS [...] eu fui ao meu caderno de acadêmica que eu ainda tinha, e peguei o plano de aula que ela orientou (E5).

De acordo com os egressos, as influências constituíram-se em fator positivo, uma vez que os bons exemplos foram compreendidos e assimilados como norteadores do processo ensino-aprendizagem, e as situações vivenciadas como negativas foram classificadas pelos egressos como estratégias que não devem ser utilizadas no desenvolvimento da docência.

As dificuldades no desenvolvimento do ensino

Com relação às dificuldades encontradas na condição de bacharéis para realizar a docência, quatro egressos elencaram a falta de disciplinas pedagógicas. Os egressos foram formados a partir de uma concepção curricular focada nas questões biomédicas, com maior tempo de formação dedicado ao ambiente hospitalar, com ausência de disciplinas necessárias para a formação do professor, como disciplinas de conteúdo pedagógico. Estes fatos podem ser observados de acordo com a fala de E 5:

> Então no meu tempo eu tinha português aplicada a enfermagem, didática aplicada à enfermagem [...]. [No atual PP] eu senti falta de algumas disciplinas, a didática aplicada a enfermagem é uma delas, porque a maioria, mesmo saindo bacharel, vai dar aula pelo menos no curso técnico, então nesse sentido foi muito bom minha grade curricular (E5).

Para um dos egressos, não houve dificuldades, mas necessidade de buscar maiores conhecimentos, uma vez que teve buscar capacitações ao término de sua graduação:

> Não... dificuldade não, eu acho que havia uma necessidade de evoluir e estar melhorando, como hoje a gente está buscando ainda. Busca conhecer outras metodologias, outras formas de trabalhar para evoluir o processo, não que isso tenha dificultado minha atuação como enfermeiro, como docente (E3).

Dois entrevistados afirmaram que a falta de experiência na realização de pesquisa e extensão durante a graduação, trouxeram limitações na vivência de atividades docentes. A universidade tem um papel fundamental na formação do acadêmico, contribuindo para um crescimento tanto profissional como pessoal, principalmente na formação de professores, na sua prática docente, sendo a pesquisa um processo que favorece o aumento dos conhecimentos. Assim a tríade ensino, extensão e pesquisa são fundamentais para uma melhor formação acadêmica (ASSIS; BONIFÁCIO, 2011).

Segundo Pimenta (1999), as representações sociais sobre o que é ser um professor com base nas mudanças históricas na profissão, a desvalorização docente e a precarização das condições de trabalho também influenciam o processo de constituição para a docência.

As estratégias de enfrentamento na composição do enfermeiro bacharel docente

A construção do ser docente, para os bacharéis, envolveu fases, olhares e vivências, experienciados por cada egresso sob diferentes perspectivas. Para seis egressos, a atualização e o aperfeiçoamento profissional são fundamentais para o desenvolvimento da prática docente. Outros quatro apontaram o compromisso com o ensino, o aluno, a instituição e a profissão como fatores determinantes na prática docente.

A experiência profissional, na condição de enfermeiro, também foi citada por três egressos como uma característica privilegiante no ensino. Missio (2007) destaca essa perspectiva elencada também pelos docentes de sua pesquisa, uma vez que o tornar-se docente envolve diversas vivências, experiências e interpretações da vida de cada profissional, que constituirão seu olhar, sua postura, sua prática.

Observa-se a preocupação dos docentes para com a interação entre o saber e o fazer, referentes à práxis pedagógica, em que o saber e o fazer devem interagir, potencializando o processo ensino-aprendizagem, sob uma perspectiva crítico-reflexivo (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002), uma das orientações das Diretrizes Curriculares para os cursos de graduação em Enfermagem.

O estímulo ao envolvimento do aluno em outras atividades acadêmicas, como a pesquisa, a extensão, também foram elencados por dois egressos como características importantes ao exercício da docência na Enfermagem, conforme apontam as falas:

> A introdução do aluno na pesquisa é uma coisa que contribui muito para essa nova forma de educação que é discutir, que é construir a partir da base que o aluno tem. Então dá uma base para ele, quando você introduz ele na pesquisa, extensão e nos projetos da universidade. A introdução da pesquisa tanto para o aluno quanto para o professor é muito importante para a realização da docência (E7).

> [...] é a vontade de estar evoluindo, não se limitar, achar que aquilo que você sabe é o suficiente, eu acho que é a necessidade de buscar novos saberes, novas metodologias, novas formas de trabalhar o assunto, atualização constante [...] todo ano é uma aula diferente, não se limitar a dar as mesmas aulas, aperfeiçoar essa questão, e a capacitação docente. Você não pode se contentar, hoje eu estou com o mestrado, você não pode se contentar com o mestrado [...] você tem que publicar, porque você não pode se limitar ao ensino, professor não pode se limitar ao ensino. Ele tem que fazer pesquisa,

> pelo menos, se ele não tem afinidade pela extensão, mas pela pesquisa pelo menos, e tentar trazer o aluno para além do ensino, tentar estimular o aluno na parte política, porque o aluno às vezes fica tão focado na formação profissional, estudar e decorar, e aprender o corpo humano e esquece que sem o conhecimento das políticas, você não vai ser um profissional diferenciado, então estimular o aluno ir além do ensino é uma das questões que todo professor tem que ter (E3).

De acordo com um dos egressos, a docência é um processo constante na construção do ser docente:

> Eu acho que a docência é uma coisa interminável, você não aprende a dar aula, você vai construindo essa docência, ela é interminável, cada dia você desenvolve de um jeito, dependendo da clientela que você tem. A docência é uma coisa que desgasta muito o profissional na continuidade, e ela não tem fim, você termina sua aula e vai pensando no aluno, como você desenvolve na outra vez, que pesquisa você poderia fazer [...]. A docência é uma coisa que usa muito do professor, porque ela não acaba, é diferente de um plantão que você passa a bola para o outro profissional e vai embora. Você vai mexer com isso quando voltar no hospital ou no posto de saúde, a docência ela não acaba, ela vai embora com você, ela dorme com você, ela acorda com você (E7).

Outro egresso aprofunda-se mais nesse item, afirmando que o aprendizado é algo que precisa ser construído em conjunto, entre docentes e discentes, a partir do compartilhamento dos saberes:

> A gente vem de um modelo tradicional de sala de aula, onde o professor é o detentor de todo o saber e que o aluno está ali para apenas ouvir, e de vez em quando dar uma sugestão. Eu já penso que não, o aprendizado deve ser construído em conjunto, uma parte dos professores e a outra parte desse conhecimento, do acadêmico. Então eu acho que a forma de dar aula, deve ser melhor estruturada, eu penso que a gente pode dividir os saberes durante uma aula, um pouco o que o outro colega sabe, tipo a gente está realizando roda de conversa onde cada um vai contribuir com o pouco que sabe. Eu acho que essa divisão dos saberes, todos vão colaborar para construção do método ensino-aprendizado (E9).

A partir da responsabilidade em formar profissionais crítico-reflexivos e tendo uma formação inicial direcionada para a assistência hospitalar, os egressos sentiram a necessidade de buscar estratégias para atuar na docência. Dessa forma, quatro entrevistados apontaram a realização de cursos de curta duração na área pedagógica, um citou a busca através da aquisição de livros e vídeoaulas através da *internet*, outro egresso citou a estratégia de matricular-se em outro curso de graduação da área da saúde, com o objetivo de aprender mais e utilizar esse aprendizado em suas aulas.

Todos os egressos cursaram pós-graduação em nível *lato sensu*, tendo cinco realizado na área da educação, sendo que destes, quatro cursaram a oferecida pelo Projeto de

Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem (PROFAE). As outras especializações citadas foram sobre temas específicos da área da Enfermagem.

Com relação à capacitação *stricto sensu*, quatro egressos cursaram ou estão cursando mestrado, destes, apenas um na área da educação, tendo esse egresso referindo que suas expectativas, enquanto docente perante o curso, foram contempladas.

Destaca-se que o PROFAE foi uma política pública direcionada para a formação de profissionais na área da Enfermagem em nível profissionalizante, além de promover a capacitação dos docentes que atuavam nos cursos de Enfermagem (BARBOSA; VIANA, 2008).

Todos os egressos afirmaram que as expectativas com relação à licenciatura em Enfermagem são muito boas, em especial, devido ao novo PP do curso de graduação em Enfermagem da UEMS que contempla a licenciatura, indicando o desenvolvimento do curso e proporcionando assim uma melhor formação aos futuros profissionais:

> O acadêmico vai sair mais preparado [...] eu percebo que ele já é preparado, de teoria e de pratica, mas ele vai ser mais preparado para as praticas didáticas, que hoje ele não é preparado. A licenciatura vai fazer com que ele participe melhor das politicas pedagógicas, das politicas da educação, que conheça as leis, as normativas, ai ele vai [...] ter mais subsidio para mais conhecimento (E10).

> A licenciatura vai contribuir bastante para o enfermeiro que quer partir para a docência, apesar que o enfermeiro, ele é um educador por natureza (E7).

Três egressos apontaram a existência de poucos cursos de licenciatura em Enfermagem, em especial na região Centro-Oeste, que contava com apenas um em Goiás, um no Distrito Federal e um no Mato Grosso do Sul, no período da pesquisa (*E*-MEC, 2013). Um dos egressos destacou que o interesse do curso de Enfermagem da UEMS na licenciatura, desencadeou-se a partir de pesquisas realizadas com seus egressos, revelando uma parcela considerável atuando no ensino, em nível técnico profissionalizante e na educação superior:

> A partir de alguns estudos, de alguns projetos de pesquisa de alunos, de docente, que fomos vendo o quanto nossos egressos estão inseridos na docência. O que se buscou para melhorar? [...] porque nós não somos licenciados, e algumas disciplinas que a licenciatura tem vão facilitar esse processo. [...] A expectativa é boa, eu acredito que é um diferencial dentro do estado, nós não temos esse profissional, no Brasil temos poucos profissionais licenciados e hoje com a expansão da educação superior, com a expansão dos cursos técnicos, dos institutos federais, nós temos a necessidade de profissionais licenciados, então a expectativa é que vai ter demanda, que vai contribuir muito para formação do enfermeiro no nosso estado, vai chegar o momento que para dar aula, vai começar a exigir a licenciatura, porque hoje não se exige, porque não tem, como é que você vai exigir um profissional que não tem no mundo do trabalho, então a partir do

> momento que você tem esse profissional, então eu acho que a gente vai poder solicitar mais ele na atuação docente (E3).

Um dos egressos levanta novos desdobramentos e perspectivas no mundo do trabalho do enfermeiro, a partir da licenciatura em Enfermagem:

> É uma área extremamente importante [a licenciatura]. Nós precisaremos que os nossos governantes, nossos gestores, aproveitem esta mão de obra, incluir o enfermeiro porque não dentro da escola, para lecionar conteúdos na área de educação e saúde, para lecionar conteúdos na infância, trabalhando a questão da obesidade, da hipertensão, da diabetes, já fazendo uma conscientização nessas crianças. Porque não esse enfermeiro estar lecionando uma matéria, uma disciplina falando sobre gravidez na adolescência, falando sobre o uso e o abuso em excesso do álcool, de drogas? [...]. Aí a enfermagem vai crescer e nós teremos um leque a mais para poder atuar (E9).

Além disso, a preocupação com o componente humano, propriamente dito, no ensino, é destacada por um dos egressos. Infere-se em sua fala, a necessidade da revisão do processo ensino-aprendizado tradicional, demonstrando o anseio e a preocupação com uma formação mais focada no aluno, a partir dos seus sentimentos e de sua inserção no processo.

> [...] eu espero um curso mais humano [...], eu quero entender esse meu aluno, eu quero que a aprendizagem dele seja efetiva [...] eu espero que a licenciatura em enfermagem permita ou então mostre os caminhos, para que se consiga entender esse processo, saber chegar nesse processo. Porque eu acho que por mais que eu me capacite nesse momento, eu ainda venho de uma formação tradicional, então ela está enraizada, e esse enraizada é muito difícil de tirar, eu luto todos os dias, eu batalho todos os dias para tirar, mas eu ainda estou muito enraizada, está muito forte dentro de mim, então as vezes meu coração quer, mas a minha cabeça não consegue acompanhar as minhas atitudes, por mais que eu queira (E6).

Sob essa perspectiva, a licenciatura em Enfermagem apresenta a oportunidade real e valorosa de abordar os enfoques pedagógicos, instrumentalizando os profissionais enfermeiros na atuação da docência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação para a docência vem sendo modificada ao longo dos anos, tendo consonância com as transformações das políticas sociais, em especial a política de educação superior, com as modificações dentro do mundo do trabalho e com as consequentes mudanças na cultura, na sociedade e na política.

Os profissionais licenciados devem receber preparação e estímulo para uma formação que atenda às necessidades geradas pelas mudanças, sem se afastar do seu foco profissional que, no caso da licenciatura em Enfermagem, além das questões relacionadas às políticas

educacionais, deve atentar-se também para as políticas de saúde.

O padrão de saúde hospitalocêntrico, com enfoque curativo, acompanhou o desenvolvimento da Enfermagem por um longo período. No entanto, o movimento realizado pelas políticas públicas de educação superior, assim como pelas políticas públicas de saúde, confluiu para a organização da formação do enfermeiro sob uma perspectiva que contemplasse as orientações do SUS. Nesse sentido, a nova configuração do perfil profissional do enfermeiro, prevê a formação de um profissional crítico-reflexivo, multicompetente, criativo e atento ao perfil epidemiológico da região. Além disso, a expansão do mundo profissional para o enfermeiro inclui a possibilidade na docência, em nível técnico profissionalizante e em nível superior.

Infere-se assim, a necessidade de maior destaque para as questões pedagógicas na formação deste profissional, pois a maioria dos cursos de graduação em Enfermagem ofertados no Brasil é no grau de bacharelado, com pouca oferta da licenciatura em Enfermagem. Assim, o profissional enfermeiro, forma-se bacharel e adentra o mundo do trabalho da docência, sem um preparo sistemático relacionado aos aspectos de formação pedagógica pertinente ao desenvolvimento desta atividade.

Essa perspectiva foi ressaltada pelos enfermeiros bacharéis que vivenciam a docência apresentados neste estudo, os quais, no exercício de funções docentes, verificaram a necessidade de capacitação para o desenvolvimento da docência. Para tanto, buscaram nas pós-graduações, em sua maioria *lato sensu*, a aquisição das habilidades e competências pertinentes à docência.

Além das buscas de capacitação na área educacional, a habilitação dos profissionais enfermeiros, na condição de docente, foi sendo engendrada através das experiências profissionais adquiridas, constituindo-se na prática docente diária, como um importante espaço de formação.

Acreditamos que é no cotidiano do trabalho que os enfermeiros bacharéis atuantes na docência, quando problematizam e refletem sobre a sua prática pedagógica e questionam as suas experiências, vão constituindo sua identidade docente. Assim, a licenciatura em Enfermagem é compreendida como de extrema relevância, como base para a docência na área. Salienta-se a necessidade de maiores discussões a respeito, problematizando a questão e trazendo maior visibilidade dentro das políticas de educação.

Espera-se que o presente estudo possa colaborar para as discussões na área das políticas de educação superior, em especial, na formação do enfermeiro capacitado para a docência, ou seja, o enfermeiro licenciado. Tendo em vista as crescentes exigências do setor

empregatício na formação docente, o trabalho apresentado suscita a importância da licenciatura na configuração da Enfermagem brasileira atual.

REFERÊNCIAS

ARRETCHE, Marta. Federalismo e políticas sociais no Brasil: problemas de coordenação e autonomia. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 17-26, 2004.

ASSIS, Renata Machado de; BONIFÁCIO, Naiêssa Araújo. A formação docente na universidade: ensino, pesquisa e extensão. *Educação e Fronteiras On-Line*, Dourados/MS, v.1, n.3, p.36-50, set./dez. 2011.

AZEVEDO, Janete Maria Lins de. *A educação como política pública*. 2ª ed. ampliada. Campinas: Autores Associados, 2001.

BAGNATO, Maria Helena Salgado. *Licenciatura em enfermagem*: para quê? Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 1994.

BARBOSA, Elizabeth Carla Vasconcelos; VIANA, Lígia de Oliveira. A formação do docente de enfermagem. *Revista de Enfermagem*. UERJ, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 339-4, 2008.

BATISTA, Sylvia Helena Souza da Silva. Formação de professores e aprendizagem: tecendo encontros. *Rev. Ambiente Educação*, v. 1, n. 1, p. 1-8, jan/julho, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Comissão Nacional de Avaliação da Educação. Superior Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Instrumento de Avaliação dos cursos de Graduação*. Brasília: INEP, 2008.

CABREIRA, Liliane Machado; MISSIO, Lourdes; LOPES, Márcia Maria Ribera. Egressos do curso de enfermagem da UEMS: um estudo dos formados entre 1998 a 2006. In: *Anais do 12º Seminário Nacional de Diretrizes para a Educação em Enfermagem* – SENADEN. São Paulo: ABEn, 2010.

DRAIBE, Sônia Miriam. Avaliação de implementação: esboço de uma metodologia de trabalho em políticas públicas. In: BARREIRA, Maria Cecília Roxo Nobre; CARVALHO, Maria do Carmo Brant (Orgs.). *Tendências e perspectivas na avaliação de políticas e programas sociais.* São Paulo: IEE/PUC/SP, 2001.

E-MEC. *Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados*. Disponível em: <http://emec.mec.gov.br>. Acesso em: 27 jul. 2013.

ISAIA, Sílvia Maria de Aguiar; BOLZAN, Dóris Pires Vargas. Formação do professor do ensino superior: um processo que se aprende? *Revista Educação*, v.29, n. 2, p. 121-133, 2004.

LOPES, Márcia Maria Ribera**.** *A articulação das políticas de educação e de saúde na voz de egressos*: análise da formação de enfermeiros, em Dourados-MS. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Grande Dourados- UFGD, 2011.

MAISSIAT, Greisse da Silveira; CARRENO, Ioná. Enfermeiros docentes do ensino técnico em enfermagem: Uma Revisão Integrativa. *Rev. Destaques Acadêmicos*, ano 2, n. 3, p. 69-80, 2010 - CCBS/UNIVATES.

MELO, Isabel de. *A Ação Docente na Formação de Técnicos de Enfermagem*. Dissertação (Mestrado- Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Área de concentração: Filosofia, Saúde, Sociedade). Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

MISSIO, Lourdes. *O entrelaçar dos fios na construção da identidade docente dos professores do curso de enfermagem da UEMS*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2007.

MONTANHOLI, Liciane Langona; TAVARES, Darlene Mara dos Santos; OLIVEIRA, Gabriela Ribeiro de. Estresse: fatores de risco no trabalho do enfermeiro hospitalar. *Rev. Brasileira de Enfermagem*, v.59, n. 5, p. 661-5, set-out, 2006.

MOTTA, Maria de Graça Corso da; ALMEIDA, Miriam de Abreu. Repensando a licenciatura em enfermagem à luz das Diretrizes Curriculares. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 56, n. 4, p. 417-419, jul/ago 2003.

OLIVEIRA, Eliane de Oliveira; ENS, Romilda Teodora; ANDRADE, Daniela Barros da Silva Freire; MUSSIS, Carlo Ralph de. Análise de conteúdo e pesquisa na área da educação. *Rev. Diálogo Educacional*, v. 4, n.9, p. 11-27, maio/ago. 2003.

OROSCO, Simone Shirasaki. *A Percepção dos Docentes de Ensino Médio de Enfermagem Sobre a Construção do ser Professor.* Dissertação (Mestrado). Universidade do Oeste Paulista-UNOESTE. Presidente Prudente, 2010.

PALUMBO, Dennis James. *Public Policy in America:* Government in action. 2 ed. 1994.

PAPI, Silmara de Oliveira Gomes; MARTINS, Pura Lúcia Oliver. As pesquisas sobre professores iniciantes: algumas aproximações. *Educação em Revista.* Belo Horizonte v.26, n.03, p.39-56, dez. 2010.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selam Garrido. (Org.) *Saberes pedagógicos e atividade docente.* São Paulo: Cortez, 1999.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. *Docência no ensino superior.* São Paulo: Cortez, 2002. p. 279.

PÜSCHEL, Vilanice Alves de Araújo; INÁCIO, Mariana Pereira; PUCCI, Patrícia Picci Agustini. Inserção dos egressos da Escola de Enfermagem da USP no mercado de trabalho: facilidades e dificuldades. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 43, n. 3, p. 535-542, 2009.

SANTOS, Elaine Franco dos; SANTOS, Elaine Barretos; SANTANA, Gabriela Oliveira; ASSIS, Marlene Fernandes de; MENESES, Ricardo de Oliveira. *Legislação:* atos normativos do exercício e do ensino de enfermagem. São Paulo: Atheneu: 1997.

SAUPE, Rosita. Ação e reflexão na formação do enfermeiro através dos tempos. In: SAUPE, Rosita (Org*.). Educação em Enfermagem*: da realidade construída à possibilidade em construção. Florianópolis: Ed. UFSC, 1998, p. 27-73.

UEMS. *Projeto Político Pedagógico do Curso de Enfermagem.* Dourados, 2011.

VILELA, Túlio Pesso; SPESSOTO, Márcia Maria Ribera. O mundo do trabalho dos egressos de enfermagem da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. In: *Anais do Encontro de Iniciação Científica – ENIC.* Dourados: UEMS, 2012.